

A PRÁTICA DO *BULLYING* NAS ESCOLAS E O RÁDIO COMO INSTRUMENTO DE INFORMAÇÃO¹

Ana Maria Zago dos Santos²

Michele Kapp Trevisan³

RESUMO

O presente trabalho consiste numa reflexão sobre as causas e consequências do *bullying* e as medidas de combate na escola. Inicialmente, foi feita uma investigação sobre o *bullying* no Instituto Padre Caetano (escola pública de Santa Maria-RS), a qual envolveu grupos de alunos de 10 a 13 anos e 14 a 16 anos. Os dados foram coletados através de questionário e entrevistas individuais, onde os alunos caracterizaram o *bullying* conforme seu entendimento. A partir dos relatos, percebe-se que a maioria dos jovens já sofreu ou presenciou algum tipo de *bullying* na escola ou, pelo menos, conhece alguém que já tenha sido vítima de tal prática. Nesse contexto, verifica-se que são inúmeras as causas e consequências dessa violência a essa, destacando-se reflexos negativos na autoestima das vítimas. Por fim, através da rádio Caetaninho Tribal Show, da escola, foi transmitido à comunidade escolar o resultado dos estudos feitos com os alunos referentes à construção de uma cultura de paz entre os estudantes e o combate ao *bullying*.

PALAVRAS-CHAVE:

Violência; *Bullying*; Escola; Rádio.

ABSTRACT

This paper is a reflection about the causes and consequences of bullying and the measures to combat it in the school. Initially, was made a research on bullying at the Instituto Padre Caetano, a public school, located in Santa Maria (RS), which involved groups of students aged 10 to 13 years and 14 to 16 years. Data were collected through a questionnaire and individual interviews, where students characterized the bullying, as his understanding. From reports, it is clear that most young people have experienced or witnessed some form of bullying at school, or at least knows someone who has been victim of such practice. In this context, it appears that there are many causes and consequences of violence, this, especially negative effects on self-esteem of victims. Finally, through radio Caetaninho Tribal Show was released to the school community the results of studies with students, for the construction of a culture of peace among students and combat bullying.

KEY-WORDS: Violence; Bullying; School; Radio.

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação pela Universidade Federal de Santa Maria.

² Professora de Língua Portuguesa do Instituto Estadual Padre Caetano.

³ Professora Orientadora Doutora em Comunicação Social, Universidade Federal de Santa Maria.

1 INTRODUÇÃO

A violência é um tema recorrente nos meios de comunicação. Todos os dias se têm notícias pelo rádio, televisão, jornal ou internet, sobre alguma agressão física, moral ou sexual. O ambiente escolar não está livre dessa síndrome. Percebe-se que é cada vez maior a incidência de atos violentos nas escolas: seja de aluno contra aluno, de aluno contra professor, ou, pior, de professor contra aluno.

O assunto chama a atenção, porque a escola sempre foi considerada um local seguro, feito para a aprendizagem, lugar em que é moldado o caráter do jovem. Entretanto, pais, alunos e professores estão sendo surpreendidos pela escalada do *bullying*.

Ele é um ato que fere a integridade humana, na parte moral, psicológica e física, produzindo sérios danos no desenvolvimento das crianças, dos adolescentes e também dos adultos. Depressão, desvios de personalidade, são alguns dos seus efeitos. Não raro, a própria vítima pode tornar-se um adulto violento, abusador ou delinquente. A preocupação ainda é maior face ao aumento e gravidade dos casos que são relatados nos meios de comunicação, instigando-nos a conhecer mais profundamente as causas e consequências desse tipo de violência, de modo a poder preveni-la nos diversos âmbitos do convívio social.

Assim, este artigo tem como objetivo investigar o *bullying* no ambiente escolar, entendendo primeiramente as peculiaridades de quem sofre, pratica e assiste esse tipo de violência. Além disso, pretende-se executar os projetos existentes na escola Instituto Estadual Padre Caetano, que tratam da prevenção e combate ao *bullying* e propõem possíveis medidas socioeducativas à sua prevenção, através de programas de rádio na escola, que mobilizam alunos, professores, pais e a comunidade em geral.

Para a realização deste trabalho foi utilizado a abordagem qualitativa, que Oliveira (2002, p.117) considera de maior facilidade para fins de descrever a complexidade de um determinado problema, fazer análise dos acontecimentos, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais, particularmente - no caso do processo de ensino aprendizagem escolar - apresentar contribuições ao processo de mudança, contando com a formação de opinião das crianças e dos adolescentes na escola, permitindo a interpretação dos seus comportamentos e atitudes, bem como de sua comunidade

Para Oliveira, (2002, p.117):

A abordagem qualitativa nos leva, entretanto, a uma série de leituras sobre o assunto da pesquisa, para efeito da apresentação de resenhas, ou seja, descrever

pormenorizada ou relatar minuciosamente o que os diferentes autores ou especialistas escrevem sobre o assunto e, a partir daí, estabelecer uma série de correlações para, ao final, darmos nosso ponto de vista conclusivo.

Baseado nesse conceito foram analisadas formas de violência no mundo atual, chegando-se assim ao que é, hoje, denominado *bullying* nas escolas.

Através de projetos e das legislações nacional e estadual, a rádio da escola desenvolveu campanhas antibullying, expondo modos preventivos, com produção de textos, que foram divulgados à comunidade escolar, apontando as possíveis causas e consequências que o *bullying* traz às crianças e adolescentes na vida escolar.

Foi aplicado o método de procedimento histórico no intuito de verificar o crescimento da violência dentro da escola. A partir dos estudos realizados neste trabalho, sobre o que é o *bullying*, como acontece, causas e consequências, constatou-se que ele está sendo praticado no Instituto Padre Caetano. Logo, procurou-se identificar que causas e consequências dessas práticas violentas. Foram criadas algumas normas para o antibullying, no sentido de se saber como proceder para acabar com esse tipo de violência. Tudo foi devidamente transmitido através da rádio, para toda a comunidade escolar.

2 A VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE E NA ESCOLA (*BULLIYNG*)

Observa-se que a violência nos cerca por todos os lugares: na rua, diante da porta de nossas casas e até na família, acabando por fazer parte do nosso cotidiano. De acordo com as ideias de Strey, Azambuja e Jaeger (2004, p.14):

Qualquer comportamento que vise a satisfação própria em detrimento de outra pessoa é considerado violência, assim como também é considerado violência ações predatórias contra animais e a natureza de maneira geral (o que às vezes, segundo alguns pontos de vista, não é considerado violência).

Tendo em vista o que colocam estas autoras, percebe-se que estamos inseridos em uma sociedade violenta e todos os indivíduos parecem ser, de certa forma, agressivos. Portanto, considera-se a violência um problema social que se encontra presente também nas escolas, podendo ser manifestado de diversas formas.

O aluno que inicia algum conflito com outro colega pode ter sido influenciado por outros tipos de violência na rua ou em casa, envolvendo agressões verbais ou físicas, prejudicando não só o seu desempenho escolar, mas também os de quem participam e

presenciam essas situações problemáticas. Nesse contexto, verifica-se que a escola, pelo crescimento diário da violência em suas dependências, deixou de ser um lugar seguro para os alunos.

Conforme Abramovay e Rua (2003), a violência na escola, inicialmente, foi tratada como uma simples questão de disciplina. Mais tarde, passou a ser analisada como manifestação de delinquência juvenil, expressão de comportamento antissocial. Hoje, é percebida de maneira muito mais ampla, sob perspectivas que expressam fenômenos como a globalização e a exclusão social, os quais requerem análises não apenas restritas às transgressões praticadas por jovens estudantes ou às violências das relações sociais entre eles.

A violência pode ocasionar consequências individuais e sociais, caracterizando-se por agressões que podem gerar riscos de vida. Nas escolas, o problema da violência entre crianças e adolescentes está cada vez mais presente. Por conseguinte, é dever da escola, propiciar oportunidades para prevenir tal prática e motivar a comunidade escolar com momentos de reflexão que auxiliarão na transformação social.

No âmbito dessas preocupações e pensando no desenvolvimento educacional do aluno, pais e professores também devem participar para auxiliar no combate à violência e formar um ambiente de respeito mútuo.

Dentro da comunidade escolar, os vários atos de violência entre os alunos estão sendo caracterizados pelo termo *bullying*, que, conforme Guareschi e Reis da Silva (2008, p.17):

Deriva da palavra inglesa *bully*, que enquanto substantivo valentão, tirano e, como verbo, brutalizar, tiranizar, amedrontar. Como prática, o termo significa formas de agressões intencionais e repetidas adotadas sem motivação evidente e direcionadas aos outros. Compreende, pois, toda e qualquer forma de atitude, agressiva executada dentro de uma relação desigual de poder, sendo o desequilíbrio de poder presente nessa relação uma característica essencial, que torna possível a intimidação da vítima.

Para Middleton-Moz (2008) o *bullying* é as atitudes, palavras ou comportamentos agressivos com o outro de forma repetitiva. Nos quais, podem-se considerar as palavras que ofendem o outro, que são humilhados, as fofocas, a exposição da criança ou adolescente ao ridículo, socos, chutes, ameaças, insultos, entre outros atos de violência física ou verbal.

Conforme a autora, o *bullying* geralmente é aleatório, quando acontece com a criança, mas na fase adulta, o alvo já é escolhido. A pessoa que pratica o *bullying*, de uma forma ou de outra, tentará destacar algo que chame atenção como intitulado uma pessoa gorda ou magra demais, porque usa óculos, por trabalhar bem, andar de cadeira de rodas, usar

a roupa inadequada, enfim sempre encontrará algo diferente no outro que possa usar para incomodá-lo. Ou seja, o *bullying* não é caracterizado somente pela violência física, mas também, pela violência emocional. Assim, aquele que pratica o *bullying* tem muita facilidade em encontrar no outro as partes mais sensíveis para poder humilhá-lo, utilizando-as como armas para essa prática.

As atitudes agressivas das pessoas podem então, ser representadas de forma física, através de ações como bater, ferir, empurrar e agredir, ou de forma verbal, apelidando e insultando a vítima. Em outras palavras, teríamos a forma psicológica, que acontece quando a pessoa ameaça, persegue e humilha a vítima e a forma material, quando o indivíduo rouba, agride fisicamente, ou acaba destruindo os pertences pessoais de outra pessoa. Ainda, tem-se a forma virtual, conhecida como *cyberbullying* que são as ofensas que as pessoas fazem por meio da internet, através de e-mails, blogs, *orkut* e outros. Com relação a este último tipo de *bullying*, Guareschi e Reis da Silva (2008, p.70) acreditam que ocorra em função da invasão da tecnologia na vida das pessoas, bem como pela maneira equivocada do uso dos recursos eletrônicos por parte dos adolescentes, o que pode promover a violência e a agressão entre eles.

Em todas essas ações de violência, existem três personagens principais: a vítima: é quem sofre, sente-se humilhada, intimidada, isola-se do grupo escolar, pode exercer ações violentas, falta às aulas sem motivo apresentando baixo rendimento escolar, tem sua autoestima abalada e pode cometer suicídio; o agressor: tem uma falsa sensação de poder, correndo o risco de tornar-se um delinquente, temido pelos demais, podendo transformar-se num adulto violento com atitudes agressivas por qualquer motivo; o espectador: na maioria das vezes sem se manifestar, ou até participando como cúmplice das agressões, por medo de contrariar o agressor e vir a sofrer *bullying*, sente-se intimidado, indefeso e inseguro, tem medo de ir à escola, e ainda pode acreditar que seja proveitosa essa prática. Guareschi e Silva (2008, p. 55) relatam nos seus estudos que “os espectadores ou testemunhas são pessoas que se calam com medo de se tornar as próximas vítimas e, diante disso, alguns reagem negativamente diante do *bullying*, por desejarem uma maior segurança no ambiente escolar”.

Pedrinho A. Guareschi e Michele Reis da Silva (2008) explicam também que o *bullying* pode surgir através de apelidos de mau gosto entre os jovens e adolescentes, sucedidos por certas ameaças, num caráter claro de desprezo ao outro, tornando a escola esse lugar inseguro para todos. Acredita-se, conforme os autores citados, que esse fenômeno pode afetar a autoestima e a saúde mental dos alunos, causando uma série de problemas

psicológicos no jovem, tais como a anorexia, a bulimia, a depressão, a ansiedade, podendo, até mesmo, levar ao suicídio.

Destarte, é possível dizer que a violência é o resultado da interação entre o desenvolvimento social dos jovens e as características do ambiente em que estão inseridos. Como explica Guareschi (2008, p. 15) na sua obra “Bullying: mais sério do que se imagina”:

O fenômeno *bullying*, como é entendido hoje, é tão antigo quanto a própria escola, e acontece em escala mundial. Até o início da década de 1970, pouca atenção foi dada a esta prática, apesar de os professores e educadores terem consciência da problemática existente entre agressor e vítima. Foi nesta época que iniciou um grande interesse de toda a sociedade por este problema, assim como pelas conseqüências que dele decorrem. A Suécia foi país pioneiro nesta mobilização, que logo se estendeu para os outros países escandinavos.

Vários países fazem pesquisas para diferenciar a prática de *bullying* de outras possíveis interpretações, e promoveram campanhas de intervenção. Nos Estados Unidos, esta prática cresceu sobremaneira e, por isso, os pesquisadores classificaram o *bullying*, como sendo um fenômeno global, que poderia causar grandes danos para os adultos no futuro. Entretanto, no Brasil, é possível notar que o *bullying* ainda é pouco estudado e, por este fato, não é possível se ter uma visão ampla do fenômeno para se comparar com os outros países. Acredita-se que faltam estudos mais aprofundados no Brasil, apesar de alguns profissionais se mostrarem preocupados em entender melhor este fenômeno. Todavia, percebe-se que o poder público está desenvolvendo diversas reflexões sobre as violências que acontecem dentro das famílias, nas escolas e na sociedade em geral.

Atualmente, as pesquisas sobre a violência nas instituições de ensino se intensificam em todo o mundo, inclusive nas escolas brasileiras, tanto públicas como privadas, pois o que se verifica são práticas violentas que independem do nível ou classe social.

Como tentativa de conscientizar os alunos e também auxiliar os professores frente ao *bullying*, o ministério público brasileiro lançou cartilhas com explicações sobre esse tipo de violência. Além disso, já existem no Brasil alguns projetos de lei para o combate ao *bullying*. No estado do Rio Grande do Sul, foi sancionada, em 28 de junho de 2010, a lei nº 13.474, intitulada a primeira lei de combate ao *bullying*, para incentivar a política “antibullying”, a fim de preservar a paz nas escolas gaúchas. Diz o seu primeiro artigo:

Art. 1º – As instituições de ensino e de educação infantil, públicas e estaduais ou privadas, com ou sem fins lucrativos, desenvolverão a política “*antibullying*”, nos termos desta lei (Lei nº 13.474, 2010).

Alguns municípios do estado estão empenhados para combater esse tipo de violência, como a cidade de Porto Alegre, que já sancionou a lei municipal para o combate ao *bullying*, determinando quais os atos que podem ser denominados de *bullying*:

Práticas como ameaças e agressões físicas como bater e socar, submissão do outro, pela força, à condição humilhante, destruição, proposital de bens alheios, insultos ou atribuições de apelidos vergonhosos ou humilhantes, comentários racistas, homofóbicos ou intolerantes quanto às diferenças econômico-sociais, físicas, culturais, morais e religiosas são alguns exemplos (Lei Municipal de Porto Alegre em combate ao bullying, 2010).

Portanto, o *bullying* é conhecido como um ato ilícito e está previsto no Código Civil, art. 932⁴ (2010), atribuindo as responsabilidades aos pais, no caso de serem menores de idade os que cometerem esse ato de violência, como se pode observar em uma decisão do TJ/RS frente a um ato de *cyberbullying*. No Estatuto da Criança e do Adolescente é possível perceber, no cap.II, que as crianças e os adolescentes têm “direito à liberdade, ao respeito e à dignidade”. Entretanto, observa-se que com a prática do *bullying* esses direitos acabam sendo prejudicados, tirando o sossego e a dignidade a que aqueles têm direito.

Contudo, o município de Santa Maria ainda não possui regulamentação específica com relação à prática do *bullying*. Nesse sentido, faz-se necessária a intervenção de outros mecanismos sociais para debater e prevenir tais ações. Pela experiência desenvolvida, é possível afirmar que criação de uma rádio para ser usada no pátio da escola é um mecanismo eficaz na educação contra o *bullying*, como a outros problemas da esfera do coletivo. Pelo fato de ser no espaço escolar, onde acontece a maioria dos problemas de violência, a escola deve assumir a responsabilidade de criar formas para divulgação de informações que atinjam a comunidade.

⁴ Art. 932, CC: “São também responsáveis pela reparação civil: I – os pais, pelos filhos menores que estiverem sob sua autoridade e em sua companhia; II- o tutor e o curador, pelos pupilos e curatelados, que se acharem nas mesmas condições; III- o empregador ou comitente, por seus empregados, serviçais e prepostos, no exercício no trabalho que lhes competir, ou em razão dele; IV- os donos de hotéis, hospedarias, casas ou estabelecimentos onde se albergue por dinheiro, mesmo para fins de educação, pelos seus hóspedes, moradores e educandos; V- os que gratuitamente houverem participado nos produtos do crime, até concorrente quantia. (2002)

3 O RÁDIO COMO MEIO DE INFORMAÇÃO

O meio de comunicação rádio surgiu através de descobertas de vários inventores, como o jovem estudante alemão Heinrich Rudolf Hertz e o cientista italiano Guglielmo Marconi. No Brasil, em 1892, o padre Landell de Moura, que havia iniciado diversos estudos científicos, promoveu na cidade de Campinas, estado de São Paulo, as primeiras experiências de radiodifusão no mundo. Infelizmente, suas idéias não foram bem aceitas e ele acabou impedido pelo governo brasileiro de patentear no país seu invento, o transmissor de ondas de rádio.

Décadas mais tarde, segundo Rangel (2010), Edgard Roquete Pinto, considerado o "pai do rádio brasileiro" e Henry Morize, fundaram a primeira estação de rádio, em 20 de abril de 1923, chamada Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, realizando a primeira transmissão radiofônica oficial no Brasil, ocorrida no ano anterior, dia 7 de setembro de 1922, com o discurso do Presidente Epitácio Pessoa, no Rio de Janeiro, durante a comemoração do centenário da Independência do Brasil. O discurso aconteceu numa exposição, na Praia Vermelha (RJ), a partir de um transmissor instalado no alto do Corcovado, pela Westinghouse Electric Co.

Assim, o autor comenta que o conceito de rádio nos primeiros anos dava a idéia de "rádio sociedade" ou "rádio clube", sem fins lucrativos, na qual os ouvintes eram associados e contribuía com mensalidades para a manutenção da emissora. Ainda nos anos 20, as cidades de maior importância foram ganhando novas emissoras, que tinham sua programação extremamente voltada aos interesses da elite, com músicas clássicas e eruditas, funcionando em média, de 6 à 8 horas por dia. Já na década de 30, com programas voltados às camadas populares e com a ajuda da propaganda, o rádio se popularizou, aumentando o número de aparelhos receptores nos domicílios e estabelecimentos comerciais.

Conhecido como um dos principais antropólogos do Brasil, Edgard Roquete Pinto, demonstrou grande interesse em relação aos meios de comunicação, principalmente ao rádio. Roquete previu o seu uso como um difusor de cultura popular. Em uma de suas famosas frases, Roquete teria comentado que o rádio auxiliaria na educação popular, sendo o jornal do analfabeto, o professor de quem não teria acesso à escola, a diversão gratuita dos menos favorecidos. Conforme Rangel (2010, p. 94):

O projeto de educação popular pelo rádio via Rádio Sociedade do Rio de Janeiro trazia como proposta um leque diário de programas com atividades educativas que se estendiam desde os cursos de literaturas brasileira, francesa e inglesa, às aulas de esperanto, complementadas com as aulas de rádio-telegrafia e de telefonia. Eram proferidas aulas de silvicultura prática, lições de história natural, física, química, italiano, francês, inglês, português, geografia e até palestras seriadas. Teatro e música.

Sendo assim, podemos dizer que o rádio se desenvolveu com o intuito de informar, educar, entreter e divertir as pessoas, tanto nos grandes centros como, posteriormente, no interior e zonas rurais.

Transmitindo de forma rápida e sucinta, os acontecimentos do dia-a-dia, tanto da região quanto do mundo todo, ele é considerado um veículo de apelo popular, que chega a todas as comunidades. Todo esse acesso oportuniza condições ao ouvinte de dispor dele em qualquer situação.

De acordo com Sousa (2004, p.342) “a linguagem de rádio baseia-se na dosagem de som e silêncio”. Percebe-se que o som é o elemento principal do rádio, através das mensagens sonoras o rádio transmite imagens da realidade, comunica sensações, sentimentos e emoções, difundindo informações. Os principais componentes do sistema sonoros são a voz, a música e os efeitos sonoros. Para a veiculação de mensagens de rádio, a voz é um dos instrumentos preferenciais, e, através da linguagem musical, bem como dos efeitos de sonoplastia, criam-se as sensações, sentimentos, emoções e imagens da realidade.

A música é muitas vezes usada como um fundo sonoro, mas também com outras finalidades, como para entreter o ouvinte. Os efeitos sonoros podem ser usados para servir de indicativo ou separadores de programas e de partes de programas, como fundo sonoro, ou até assumir uma comunicação própria auxiliando na introdução de programas. Assim, acredita-se que o instrumento de comunicação rádio pode ser usado com grande utilidade no processo educacional.

De acordo com o artigo “O processo educativo nas ondas do rádio”, de Leila dos Anjos (s/d), que aborda as idéias de Moran (s/d), ressalta-se a importância da ferramenta rádio no momento em que o aluno aprende de uma forma estimulante, fugindo da tradicional sala de aula e recorre aos novos métodos utilizados pelas mídias. É o que nos diz o próprio Moran (s/d)

Os meios de comunicação desempenham também um importante papel educativo, transformando-se, na prática, numa segunda escola, paralela à convencional. Os meios são processos eficientes de educação informal, porque ensinam de forma

atraente e voluntária - ninguém é obrigado, ao contrário da escola, a observar, julgar e agir tanto individual como coletivamente (MORAN, s/d)

Existem vários tipos de rádio como, a rádio comunitária, rádio corneta, rádio livre, rádio de baixa potência, rádio pirata, rádio clandestina, rádio comercial e rádio educativa. Entre essas, é preciso destacar a rádio comunitária, que, conforme Reis e Siqueira (2009, p.111):

É uma emissora administrada por um conselho da comunidade, sem fins lucrativos. Não pertence à religião, a partido ou a empresa; seu objetivo maior é o desenvolvimento da comunidade. Ela é plural e democrática. Tem legislação própria transcrita na cartilha sobre legislação em rádio comunitária. Deve captar recursos para se sustentar. O fato de ser sem fins lucrativos não impede que ela capte recursos. Cada comunidade decide como viabilizar a captação. A emissora não deve depender exclusivamente de doações e de trabalho voluntário.

Ainda segundos estes autores, definem a rádio educativa como sendo “emissoras que têm como função principal promover a educação e a cultura. Pertencem a universidades, a governos (federal, estadual ou municipal) ou a fundações da sociedade civil. A outorga não depende de licitação” (REIS;SIQUEIRA, 2009, p.114).

Nesse sentido, o rádio, como meio de comunicação, vem sendo utilizado nas escolas para auxiliar na educação, não só alocando os alunos como meros ouvintes, mas, quando é possível, dando a oportunidade de participarem da criação da programação. Assim a comunicação chega até a comunidade escolar de uma forma simples, de modo a que todos consigam interpretá-la.

4 QUESTIONAMENTOS SOBRE O BULLYING NO INSTITUTO ESTADUAL PADRE CAETANO

No primeiro semestre de 2011 foram desenvolvidos, no Instituto Padre Caetano, diversos trabalhos educacionais extraclasse. Dentre eles, o projeto aqui proposto, no intuito de, primeiramente, tomar conhecimento sobre o que os alunos sabiam sobre *bullying*, e como seu comportamento poderia estar sendo afetado. Em um segundo momento, buscou-se utilizar as mídias para expor resultados e prevenir a prática da violência.

Assim, foi aplicado um questionário a 5 meninas e a 5 meninos de 10 a 13 anos e a mesma quantidade aos de 14 a 16 anos, para verificar a possibilidade de terem sofrido ou

praticado o *bullying* na escola. Os gráficos a seguir apresentam os resultados a partir dos questionamentos feitos aos alunos:

PERGUNTA 1: Você já ouviu falar de *bullying*?

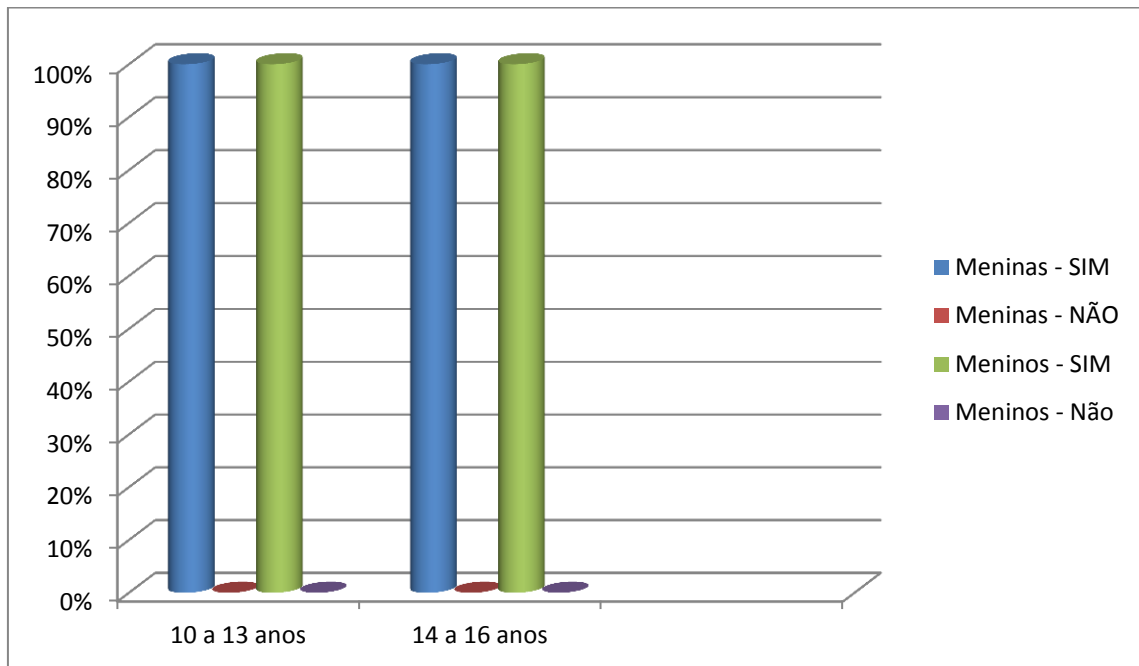


GRÁFICO: Bullying 1 - Observa-se que a maioria dos alunos questionados já ouviu falar sobre o *bullying*.

PERGUNTA 2: Você já sofreu algum tipo de *bullying*?

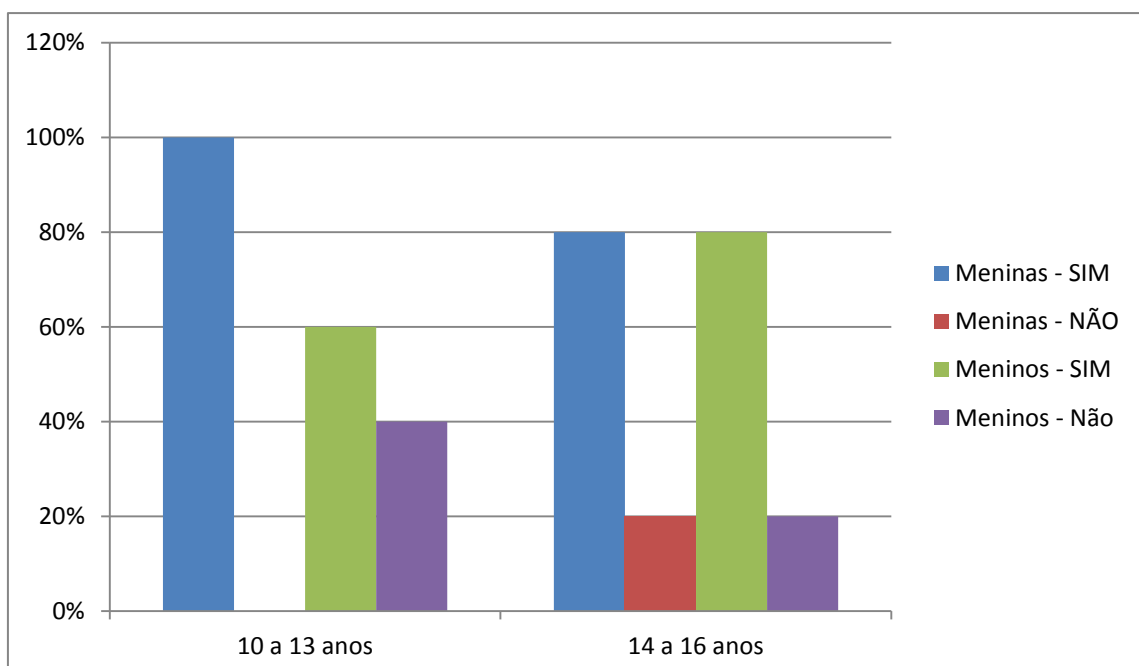


GRÁFICO Bullying 2 - Entre os alunos de 10 a 13 anos todas as meninas já sofreram algum tipo de *bullying*. Já os meninos, apenas 60% sofreram. Os alunos de 14 a 16 anos, tanto o número de meninas como o de meninos já sofreram *bullying*.

PERGUNTA 3: Você conhece alguém que foi humilhado, ofendido, insultado ou ameaçado por colegas de sua escola?

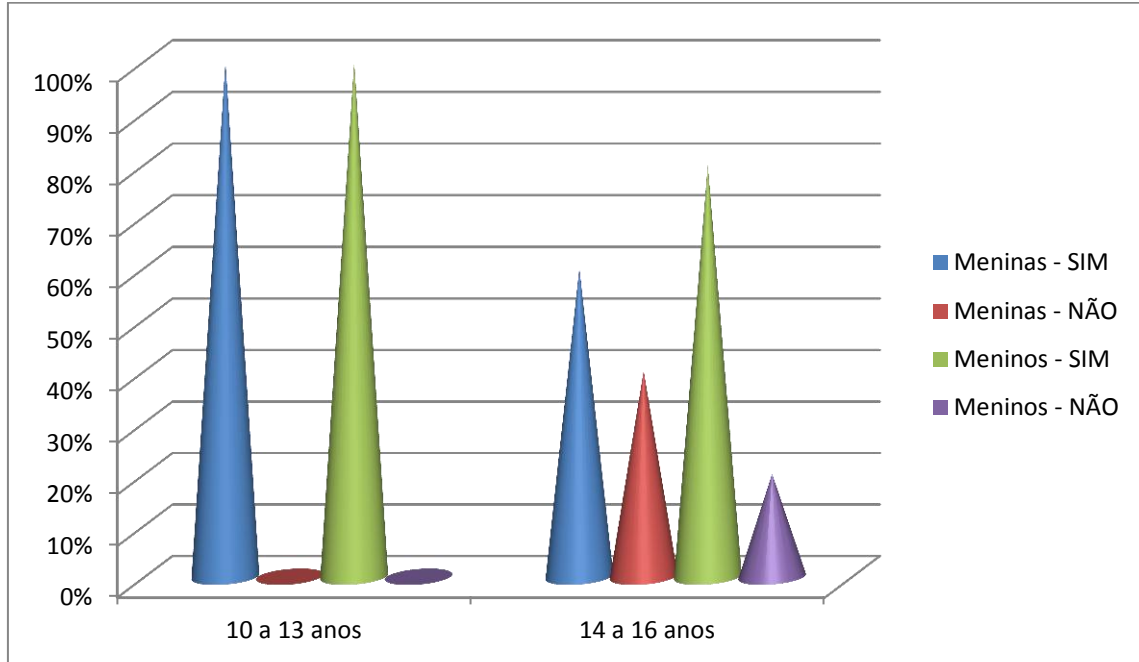


GRÁFICO Bullying 3 - Todos os meninos e as meninas questionadas de 10 a 13 anos conhecem alguém que já sofreu algum tipo de *bullying*. De 14 a 16 anos mais da metade dos entrevistados conhecem alguém que já foi humilhado.

PERGUNTA 4: Se sim, foi tomada alguma atitude por parte da escola em que seu (sua) amigo (a) estuda?

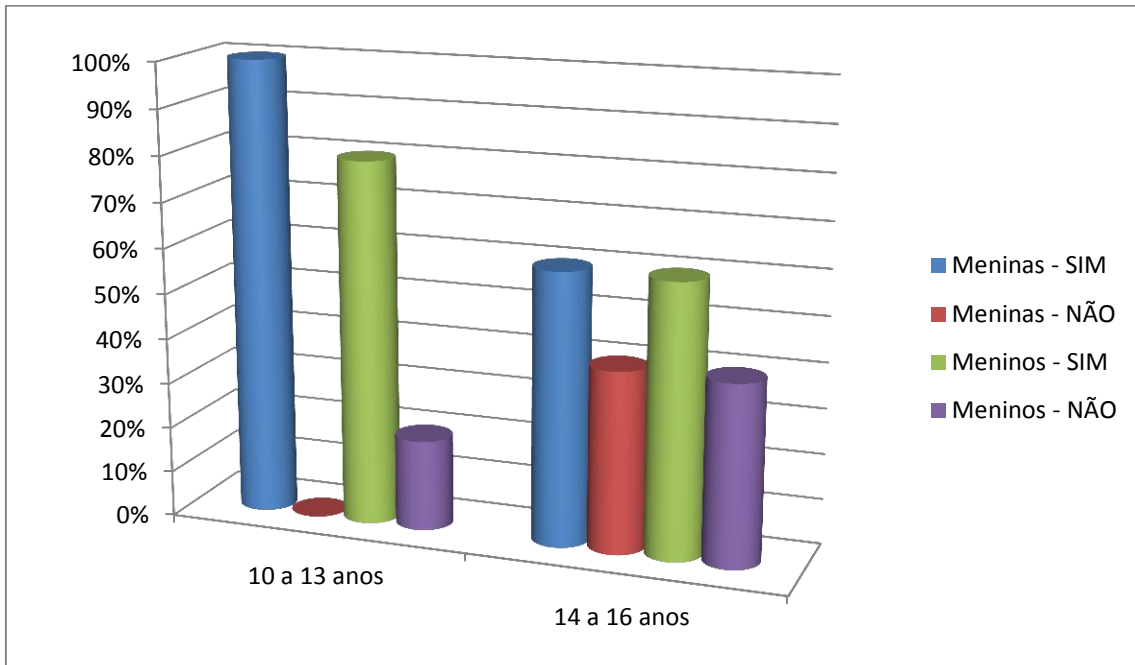


GRÁFICO Bullying 4 - Entre os alunos de 10 a 13 anos houve uma diferença nas respostas, sendo que 100% das meninas e 80% dos meninos responderam que a escola tomou alguma atitude, quando ficaram sabendo que havia a prática de *bullying*. Os alunos de 14 a 16 anos, 60% deles, tanto os meninos quanto as meninas falaram que a escola agiu para solucionar o problema.

PERGUNTA 5: O *bullying* que seu amigo sofreu foi de forma verbal, na qual os autores agridem a vítima através de palavras e, principalmente, apelidos maldosos?

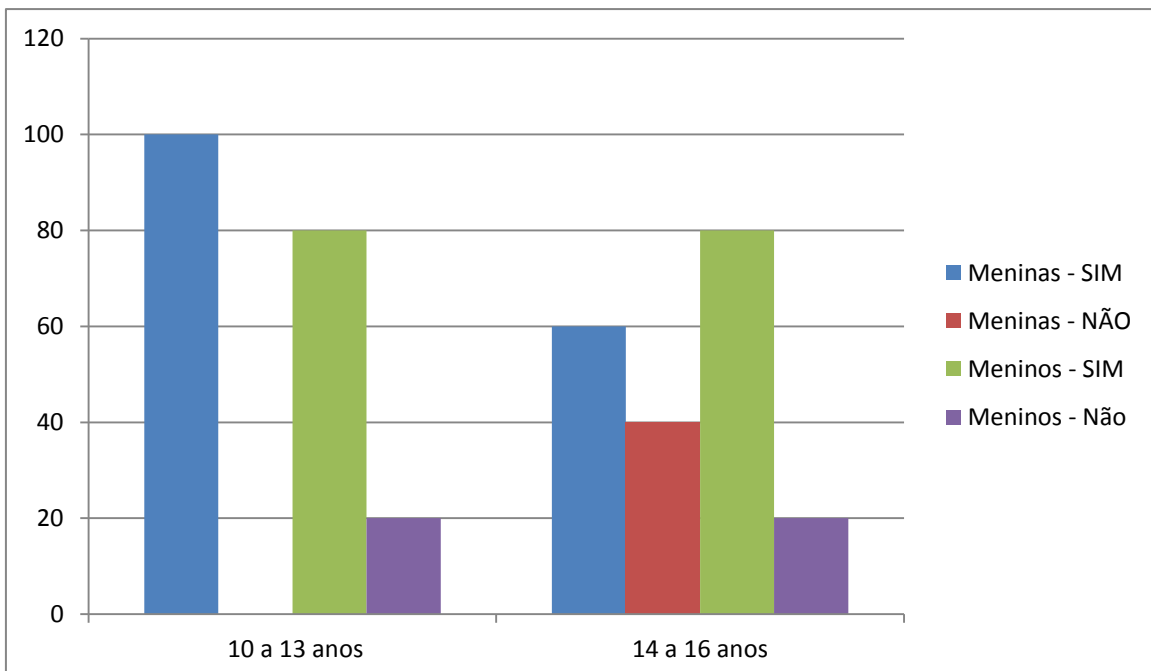


GRÁFICO Bullyig 5 - As respostas dadas pelos meninos, tanto de 10 a 13 anos como de 14 a 16 anos, foram iguais: 80% deles comentaram que o amigo sofreu *bullying* de forma verbal, ou seja, foram agredidos com apelidos maldosos.

Todas as meninas, de 10 a 13 anos disseram que o *bullying* sofrido por seu amigo ou amiga foi de forma verbal. E, 20% dos meninos de idade de 10 a 13 anos e de 14 a 16 anos responderam que o *bullying* que seu amigo sofreu foi de forma física. Já nas respostas fornecidas pelas meninas, 60%, de 14 a 16 anos, responderam que o *bullying* sofrido por seu amigo foi de forma verbal.

PERGUNTA 6: Seu amigo sofreu *bullying* através de violência física, caracterizadamente por ser a vítima agredida, chutada, empurrada, ferida, roubada e ter seus pertences danificados?

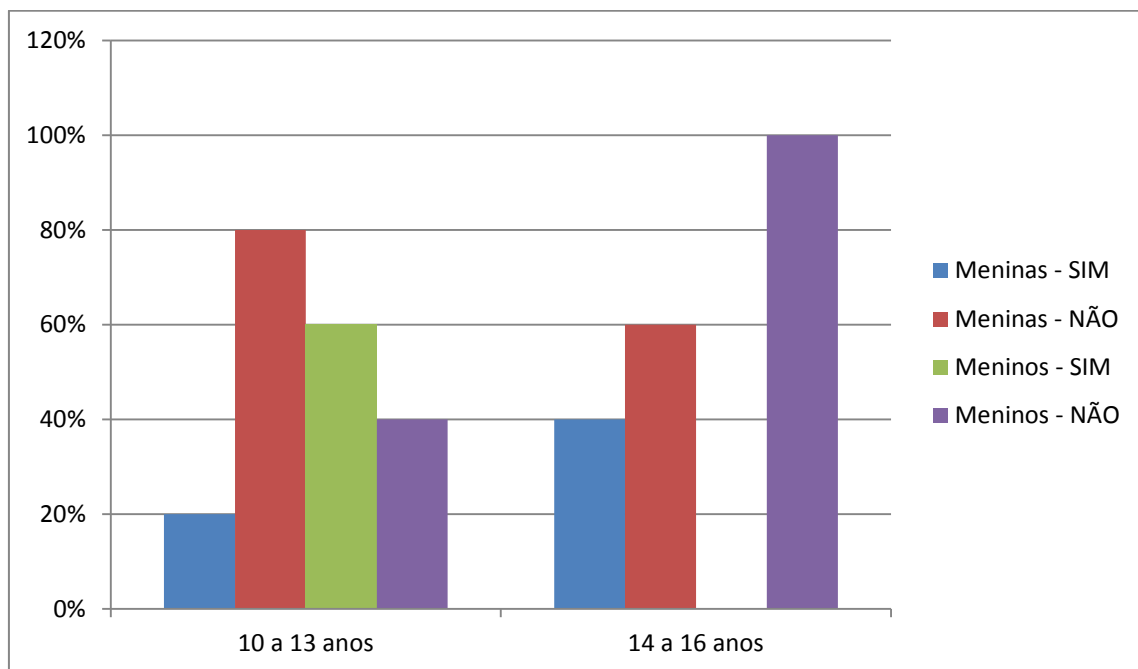


GRÁFICO Bullying 6 - 100% dos meninos de 14 a 16 anos e 80% das meninas de 10 a 13 anos, responderam que o *bullying* que seu amigo sofreu não foi de forma física e sim, psicológica.

PERGUNTA 7: Você já praticou algum tipo de *bullying*?

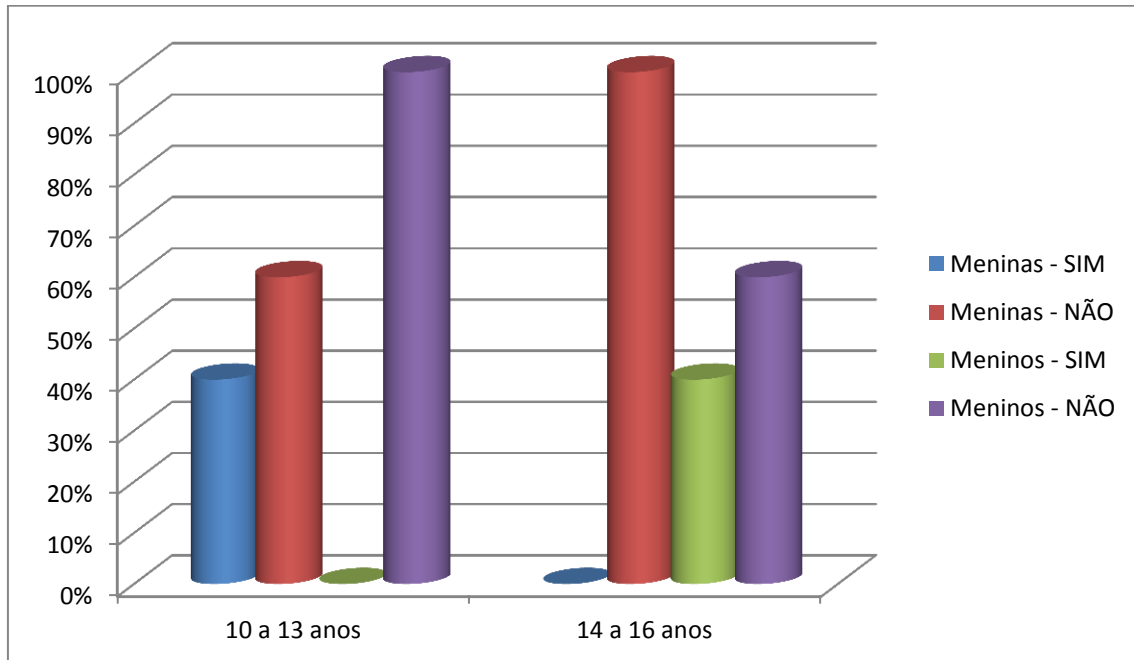


GRÁFICO Bullying 7 - Percebe-se que 100% dos meninos de 10 a 13 anos e 100% das meninas de 14 a 16 anos nunca praticaram *bullying*. Entretanto, dentre as meninas de 10 a 13 anos e os meninos de 14 a 16 anos, 40% já praticaram. Nenhum aluno entrevistado entre os meninos mais novos praticou essa violência e nem as meninas mais velhas praticaram.

A partir da observação dos questionamentos feitos aos alunos do Instituto Estadual Padre Caetano, notou-se que todos os meninos e as meninas com idade de 10 a 13 anos responderam que conhecem alguém que já sofreu algum tipo de *bullying*. Dos entrevistados, de 14 a 16 anos, 70% dos meninos e 50% das meninas, portanto, mais da metade dos alunos, conhece alguém que já foi humilhado, ofendido, insultado ou ameaçado. Já, os meninos, de 10 a 13 anos e as meninas, de 14 a 16 anos, responderam que nunca praticaram *bullying*, porém, das meninas com idade de 10 a 13 anos, 40% praticaram algum tipo de *bullying* e dos meninos, de 14 a 16 anos, 40% relataram que, também já praticaram algum tipo de *bullying*. Todas as meninas, de 10 a 13 anos e 60% dos meninos dessa idade, comentaram que já sofreram algum tipo de *bullying*. Entre os jovens de 14 a 16 anos, 80% deles, tanto as meninas como os meninos, já sofreram algum tipo de *bullying*.

Portanto, ao tomar conhecimento sobre a prática do *bullying* entre os alunos, a escola, mesmo não tendo uma preparação maior, procurou amenizar de alguma forma o problema.

5 ACHADOS A PARTIR DAS ATIVIDADES

Tendo em vista a usabilidade do rádio como um recurso educacional, o Instituto Estadual Padre Caetano, em Santa Maria-RS, construiu uma rádio-pátio diferenciada das demais, com o papel de divertir, de entreter, de informar, enfim, trazer educação e cultura para a comunidade escolar. Chamada de rádio Caetaninho Tribal Show, com características muito parecidas com uma rádio educativa, a rádio criada também busca promover a cultura e incentivar o bom comportamento dos alunos, fazendo com que estes tomem conhecimento dos problemas que envolvem não só a comunidade escolar, mas a sociedade em geral.

Alguns professores se propuseram a trabalhar com a rádio-pátio, do Instituto Estadual Padre Caetano, com o intuito de treinar os alunos para falar ao microfone, à comunidade escolar, considerando ser uma forma de incentivá-los a fazerem pesquisas, com oportunidades de reflexão, de interpretação e produção de seus próprios textos, de acordo com temas apresentados em sala de aula.

Além de proporcionar ao aluno oportunidades de participar da criação da programação, é uma maneira de incentivá-lo à produção de textos, de forma bem elaborada, com uma boa estrutura gramatical, palavras organizadas de forma clara e atrativa, para que o espectador consiga compreender a mensagem transmitida.

Também, permite aos alunos a produção da programação conforme suas preferências, sendo organizada através de conteúdos que foram aprendidos em sala de aula.

Considera-se, também uma oportunidade para o aluno conhecer e aprender a lidar com os equipamentos próprios da comunicação radiofônica. Por isso, observou-se que a criação de peças radiofônicas para a escola pode contribuir em muito para a educação dos jovens visando-lhes um futuro melhor.

Os programas da rádio são organizados com jingles, spots, boletins noticiosos, flashes esportivos e, assim, são desenvolvidos os projetos apresentados pelos professores e até pela escola. Dentre eles, salienta-se o projeto proposto para o conhecimento do *bullying*, desenvolvido pelos alunos, com acompanhamento de alguns professores. Através dele, foram divulgados os resultados obtidos na concretização desse projeto para todos os alunos, professores, funcionários e equipe diretiva, após as reflexões sobre as causas e as consequências do *bullying* e as medidas mais eficazes para combatê-lo.

Nessa oportunidade, os alunos transmitiram para a comunidade escolar, através da Rádio Caetaninho Tribal Show, uma proposta de combate ao *bullying* entre as crianças e os adolescentes, com textos produzidos por eles, para a construção de uma cultura de paz entre todos os membros da comunidade. Tal abordagem foi aplicada no primeiro semestre do ano

letivo de 2011, mas devido ao sucesso dessa iniciativa, pretende-se dar continuidade no decorrer dos próximos semestres.

O questionário também teve grande impacto nas atividades desenvolvidas, pois norteou a campanha realizada via rádio. De acordo com o que foi colhido pelo questionário, foi possível perceber que a maioria dos alunos já sofreram *bullying*. Ainda, os alunos na faixa etária de 14 a 16 anos têm bem mais proximidade com a prática do *bullying* do que os menores, com faixa etária entre 10 a 13 anos. Esse mapeamento indica, então, que os alunos adolescentes estão mais familiarizados com a prática do *bullying* do que os pré-adolescentes, evidenciando a necessidade de prevenção com sobre este problema com pré-adolescentes e conscientização com os adolescentes, que já praticam bem mais.

Desta maneira, faz-se necessário pensar que o *bullying* está bem presente entre adolescentes, período no qual a personalidade está em desenvolvimento e o sujeito ainda tem grandes dúvidas sobre o seu papel na sociedade. Assim, muitas vezes, e dependendo do contexto familiar, a agressão é a principal solução utilizada por eles. Diante disso, cabe aos pais e professores tomarem atitudes e buscarem maneiras de reverter e amenizar este quadro, na busca por uma convivência mais pacífica e tranquila entre estes sujeitos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do projeto do *bullying* na escola teve uma grande relevância dentro da comunidade escolar. Através do estudo feito com os alunos sobre as causas e consequências da prática do *bullying* na escola, percebeu-se que a maioria deles já sofreu algum tipo de agressão denominada como uma brincadeira de mau gosto e que, como já foi comentado, pode comprometer o desenvolvimento físico e emocional da criança ou adolescente.

É preciso ressaltar que os pais e a escola são responsáveis por suas crianças e adolescentes, mas a família, que está desestruturada, é a responsável primeira pela socialização dos jovens. A escola que, popularmente, é tida como “segundo lar”, deve ter como meta principal o desenvolvimento de políticas de prevenção do *bullying* e de implantação de uma cultura de paz e de tolerância entre os estudantes.

Nesse sentido, a utilização das mídias, dentro do ambiente escolar, é de total relevância, porque estas técnicas já fazem parte da vida das crianças e dos adolescentes e contribuem para incentivar a aprendizagem dos jovens na escola. Então, é importante considerar esta integração do rádio na educação servindo como objeto de estudo e como uma

ferramenta pedagógica. Com isso a escola realmente pode cumprir o papel de formação dos jovens no mundo de hoje.

No entanto, percebe-se que é necessário uma reflexão, discussão e planejamento do corpo docente da escola para poder construir projetos de prevenção contra a violência escolar. A escola precisa continuar sendo um lugar considerado seguro, um local com menos violência, possibilitando ao educando formas de lidar com suas emoções para que, realmente, seja construída uma cultura de paz e de tolerância através da prática do diálogo.

7 REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violência nas escolas**. Brasília, Ed. UNESCO, 2ª ed., 2002.

ANJOS, Leila dos. **O processo educativo nas ondas de rádio**. Disponível em: <http://www.gostodeler.com.br/materia/13387/o_processo_educativo_nas_ondas_do_radio.html>. Acesso em: 15 abr. 2011.

BARROS, Jussara. **Escola x Violência**. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/educacao/escola-x-violencia.htm>>. Acesso em: 27 mar. 2011.

CADERNOS Adenauer II (2001), nº1. A violência do cotidiano. São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, março 2001.

ESCOREL, Soraya. **Bullying não é brincadeira**. Disponível em <<http://www.slideshare.net/criancaemrede/cartilha-bullying>>. Acesso em: 29 mar. 2011.

FANTE, Cléo. **Aprendendo a prevenir o bullying na escola**. Disponível em <http://www.plan.org.br/publicacoes/download/cartilha_bullying_para_professores.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2011.

GONÇALVES, Elisabeth Moraes; AZEVEDO, Adriana Barroso de. **O rádio na escola como instrumento de cidadania: uma análise do discurso da criança envolvida no processo**. Disponível em <http://www2.metodista.br/unesco/GCSB/comunicacoes_radio_escola.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2011.

GUARESCHI, Pedrinho. **Bullying: Mais sério do que se imagina**. Porto Alegre: PUCRS, 2008.

LEI MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE EM COMBATE AO BULLYING. Disponível em <<http://www.dnt.adv.br/noticias/camara-municipal-de-porto-alegre-cria-lei-contrabullying>>. Acesso em: 31 mar. 2011.

LEI 13.474: Bullying. Dispõe sobre o combate da prática de “bullying” por instituições de ensino e de educação infantil, públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos. Disponível

em: <<http://www.viablog.org.br/bullying-rs-e-o-primeiro-estado-a-ter-lei-contr-bullying/>>. Acesso em 27 mar. 2011.

LIMA, Ângela. **Violência nas escolas**. Disponível em <<http://www.soartigos.com/artigo/497/Bullying----Violencia-Nas-Escolas/>>. Acesso em: 29 mar. 2011.

MIDDELTON-MOZ, Jane. **Bullying**: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos. Porto Alegre: Artmed, 2007. 152 pg.

MORAN, José Manuel. **Os meios de comunicação na escola**. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/c_ideias_09_021_a_028.pdf> Acesso em: 30 mar. 2011.

NOVO CÓDIGO CIVIL, 2001. Disponível em <http://www.jucems.ms.gov.br/pv_obj_cache/pv_obj_id_792201678C3DDDF5B6976B37809D4E749E2D0F00>. Acesso em: 31 mar. 2011.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de Metodologia Científica**: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses/ Sílvia Luiz de Oliveira; revisão Maria Aparecida Bessana. – São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

REIS, Zenaide Radanesa dos; SIQUEIRA, Paulo. **Mídia para iniciantes**. São Paulo: Baraúna, 2009.

SANTOS, Priscila Pereira dos. **Guia de implementação do projeto rádio escolar**. Disponível em <www.usp.br/nce/manual/paginas/manual1.pdf>. Acesso em 13 abr. 2011.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Teoria e pesquisa da Comunicação e da Mídia**. Florianópolis: letras contemporâneas oficina editorial LTDA, 2004.

STREY, Marlene; AZAMBUJA, Mariana; JAEGER, Fernanda. **Violência, Gênero e Políticas Públicas**. Fernanda Pires. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.